

A saga dos 30 anos

PAULO CABRAL DE ARAÚJO

Os trinta anos da história recente do **CORREIO BRAZILIENSE** (pois ela remonta a 1808 com a ousada iniciativa de Hipólito José da Costa, em Londres) integram a saga da cidade de Brasília, criada pelo gênio político de Juscelino Kubitschek de Oliveira. Acompanhei-a à distância, pois atuava no Rio de Janeiro. Tive o privilégio de minutar o primeiro estatuto da sociedade anônima, numa determinada noite, quando João Calmon decidira vender ações preferenciais do novo empreendimento dos **Diários Associados**, resolvidos a fincar a sua marca de pioneirismo também no Brasil Central.

Fui testemunha do lançamento da pedra fundamental do seu primeiro edifício-sede em meio ao entusiasmo e à vibração de companheiros de todo o País, que retornavam de Goiânia, onde a **Folha de Goiás**, sob a direção de Francisco Souza Sobrinho, acabara de inaugurar a sua sede própria, tudo com a

presença cheia de entusiasmo de Assis Chateaubriand. Ali, ficou assentado que a 21 de abril de 1.960 fariamos circular o primeiro jornal da nova capital da República e colocaríamos no ar as imagens da primeira emissora de televisão de Brasília. E tudo aconteceu dentro dos sonhos e planos desenvolvidos no ritmo das obras de construção desta cidade, Assis Chateaubriand não pôde assistir aos cortes das fitas inaugurais do **CORREIO BRAZILIENSE** e da **TV Brasília**.

Em fevereiro, uma brutal trombose cerebral liquidara com o seu admirável vigor físico, prendendo-o por oito anos seguidos a uma cadeira de rodas. Ficou, porém, a integridade da sua fulgurante inteligência, da sua memória privilegiada e do indomável espírito nordestino. Chateaubriand — depois de se opor tenazmente à construção de Brasília — rendeu-se à nova capital (salvo lapso de memória) ao sobrevoar de helicóptero o seu imenso cantei-

ro de obras, num intervalo da visita do presidente Eisenhower.

A partir daí, os seus “kubitschinhos” João Calmon e Edilson Varela passaram a agir com mais liberdade, inspirando os companheiros das mais importantes empresas associadas para o grande mutirão que se fez com vistas ao lançamento dos dois primeiros órgãos de comunicação da nova capital, destacando-se nesse processo sinérgico da nossa rede de comunicação — ressalte-se com justiça, os mineiros e cariocas. Neste breve registro não quero descer a detalhes da saga do **CORREIO BRAZILIENSE**. Melhor do que eu falarão Edilson Varela e Ari Cunha que aqui viveram os tempos heróicos da instalação do jornal e da televisão.

Agrada-me, e me envaidece estar acompanhando, faz dez anos, no dia-a-dia, a evolução do **CORREIO BRAZILIENSE** como um jornal de referência

nacional, especialmente depois que Ronaldo Junqueira passou a comandar o seu corpo redacional. As nossas responsabilidades crescem constantemente, porque devemos estar com os olhos no futuro, pela importância crescente e irrefreável de Brasília. Creio que Luiz do Nascimento, ao escrever a História da Imprensa Pernambucana, definiu de maneira concisa e perfeita o papel do jornal: “Trabalhar para a posteridade — eis a questão. Trabalhar, hoje, para que se conheça amanhã o que se publicou ontem. E trabalhar com apuro, com dedicação e honestidade, sem passar por cima do principal e sem claudicar na informação colhida”. Este é um lema a seguir, por um jornal que ressurgiu há 30 anos, mas que tem uma história quase bicentenária.

* Paulo Cabral de Araújo é presidente dos Diários Associados e diretor-geral do **CORREIO BRAZILIENSE**